



TECNOLOGIA E SENSIBILIDADE ÔNTICA: UM RESGATE DE HUMANIZAÇÃO

Daiane Dutra Rieder
Helena Biasotto
Glauber Benetti Carvalho

Linha temática – Os valores humanistas e a evolução tecnológica: paralelos e interconexões.

Resumo: O artigo busca promover a discussão aspectos da dimensão humana no desenvolvimento tecnológico, assegurando que o progresso técnico respeite as necessidades e valores humanos fundamentais. Examina as consequências da onipresença da tecnologia, como desatenção e alienação, e busca entender esses impactos através da Ontopsicologia. Propõe um desenvolvimento tecnológico que não sobreponha o ser humano, mas o use para o aprimoramento de valores humanistas essenciais para um progresso equilibrado e sustentável.

Palavras-chave: Tecnologia; sensibilidade ôntica; humanismo.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a fazer um resgate de humanização, discutindo e levando ao congresso uma reflexão sobre o limiar da tecnologia em perspectiva à sensibilidade ôntica – uma dimensão sensível orgânica que transcende qualquer atividade mecânica, com capacidade e perceptiva sensorial referente às emoções, sentimentos ou mesmo às sensações físicas. Ôntico significa a causalidade primeira de um processo, o que constitui o princípio para qualquer possibilidade ou fato de existir, o princípio pelo qual o ser é ou não é (Meneghetti, 2012).

Em um contexto onde as inovações tecnológicas têm moldado de forma incisiva as relações humanas e a percepção de realidade, é essencial reconsiderar a maneira como essas ferramentas estão influenciando a vida humana, em uma perspectiva integral. Desatenção, esquecimento, isolamento e ansiedade são alguns dos sintomas cada vez mais aparentes no cotidiano do século XXI. Isso vem evidenciando a necessidade urgente de um maior autocuidado humano perante aquilo que acredita ter domínio, quando, na verdade, é dominado pelos seus próprios feitos.

Como a sensibilidade humana e a essência ontológica estão sendo geridas em um mundo cada vez mais externo àquilo que sou? Torna-se imperativo refletir sobre como a tecnologia nos coloca em direção oposta à conexão mais profunda, sadia e autêntica de nós mesmos.

O objetivo deste texto é fomentar um debate que valorize a reintegração elevada da dimensão humana no desenvolvimento e uso coerente das tecnologias, garantindo que o progresso técnico não se desvie das necessidades e valores fundamentais do ser humano. A intenção é refletir sobre um percurso de um desenvolvimento tecnológico saudável e sustentável, em que o homem não se deixe sobrepor pelos meios externos, mas saiba utilizá-los para seu aprimoramento, reconhecendo, antes de qualquer interação, a dimensão interna que se é.

O humano precisa dispor-se a encontrar o melhor ponto de interação entre a inteligência que se é e a tecnologia que precisa naquele exato momento, para então alcançar maior bem-estar e valor para si. Essa tomada de consciência visa resgatar a racionalidade ontológica atinente ao real, ao ser e a qualquer fenômeno seu (Meneghetti, 2012). Isso implicaria a possibilidade de uma sociedade com profissionais mais sadios, competentes e saudáveis para serem artífices responsáveis e criativos ao meio em que operam, utilizando-se com coerência o progresso tecnológico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O desenvolvimento tecnológico tem sido uma força motriz fundamental para o avanço das sociedades humanas. Desde as primeiras ferramentas rudimentares até as mais sofisticadas inovações da era digital, a tecnologia protagoniza-se transformando condições de vida, economia e interações sociais. Nas últimas décadas, a proliferação de tecnologias digitais, como smartphones, redes sociais e inteligência artificial, trouxe uma série de benefícios, mas sobretudo desafios que rendem oportunas reflexões.

Karl Marx (1818-1883) na época em que escreveu seus Manuscritos Econômico-Filosóficos em 1844, obra na qual apresenta seu conceito de alienação, capaz já foi de traduzir algo que a geração atual vivencia. Marx (1844) demonstra como os sistemas de produção podem distanciar o trabalhador do produto de seu trabalho, levando a uma desumanização. Para chegar a essa conclusão, segundo Rocha (2011), Marx considerou o trabalho do homem sob dois aspectos: I) o trabalho em sua forma ontológica, que realiza e concretiza todas as potencialidades humanas; como um meio para o homem transformar a natureza de modo consciente; e II) o seu oposto, o trabalho maquinal e inconsciente, característico do modo de produção capitalista, o qual é responsável pela alienação humana, uma vez que se resume em uma atividade repetitiva e irrefletida.

Marx concluiu que:

[...] no modo de produção capitalista a alienação é causada pelo trabalho, que **não pode**, no modo de produção capitalista, **ser analisado apenas como uma categoria ontológica**, realizada por um ser consciente de seus atos, mas como uma **atividade mecânica**. Decorre disso que **o trabalhador perde seu ser genérico**, uma vez que o trabalho que realiza não é mais trabalho consciente, mas **trabalho maquinal, irrefletido**. Dessa maneira, Marx demonstra que a atividade produtiva serve apenas como um meio para manter a existência do homem e não para realizar suas potencialidades físicas e intelectuais (Rocha, 2011, p. 1, grifo nosso).

Analogamente, a tecnologia contemporânea, quando usada indiscriminadamente, pode levar a uma alienação do próprio ser. As interações mediadas por telas, por exemplo, podem reduzir a profundidade das relações humanas, substituindo conexões genuínas por interações superficiais.

Vandenberghe, em seu ensaio “Jamais fomos humanos” (2010, p. 221), traz a consideração de que desde sua origem “a natureza humana tem sido “fabricada” pela evolução técnica”. Em sua concepção, a sociedade tecnológica do perpassar dos tempos é, nada mais, nada menos, do que uma “incorporação mútua de homem e máquina”, uma relação operacional construída “que não somente faz a mediação entre o humano e o ambiente, mas também co-constrói ambos ao mesmo tempo” (Vandenberghe, 2010 p. 219).

O ponto é: mesmo que os objetos técnicos sejam inseparáveis da existência humana, precisamos analisar que tipo de relações que vem se efetivando entre ambos. Se essa relação estivesse repercutindo uma sociedade sadia em seu âmago e completude, tudo bem. Mas não é o que se evidencia. A tecnologia, que surgiu como um meio de facilitar a comunicação e expandir os horizontes do conhecimento, vem se apresentando como um catalisador de desafios, afetando a saúde mental e emocional de indivíduos.

A onipresença das redes sociais e dispositivos móveis transformou a maneira como nos conectamos e interagimos com o mundo. Entretanto, essa conexão constante e imediata tem um custo. A desatenção, resultante da necessidade de dividir a atenção entre múltiplas tarefas e notificações, prejudica a capacidade de focar e realizar atividades com profundidade. Esse fenômeno pode ser associado a uma diminuição na qualidade do trabalho e no bem-estar mental.

O esquecimento é outro sintoma. A facilidade de acesso à informação tem reduzido nossa capacidade de memorização. Dependemos cada vez mais de ferramentas externas, como agendas

digitais e mecanismos de busca, para reter e acessar conhecimentos que antes eram armazenados em nossa memória.

O isolamento também surge como um paradoxo da hiperconectividade. As interações virtuais, embora numerosas, frequentemente carecem da profundidade e do calor humano que as relações presenciais oferecem. Esse afastamento da convivência física pode levar a um sentimento de solidão, mesmo em meio a uma vasta rede de contatos online.

A alienação tecnológica e os malefícios sintomáticos que traz consigo é uma crítica contemporânea no contexto da tecnologia. Esse conceito se refere à perda de conexão com a própria humanidade, à medida que os indivíduos se tornam cada vez mais dependentes de dispositivos tecnológicos. Tal alienação pode levar à desumanização das relações sociais, onde as interações interpessoais são mediadas por telas, e as experiências sensoriais e emocionais são substituídas por simulações digitais.

Disso a ansiedade se manifesta como um reflexo do ritmo acelerado e da pressão constante para estar atualizado, produtivo e presente nas plataformas digitais. A comparação incessante com as vidas editadas e idealizadas que outros exibem online intensifica o sentimento de inadequação e insatisfação, criando um ciclo vicioso de estresse e mal-estar.

Em torno de consequências da hiperconectividade, quer pelo trabalho hiperautomatizado, quer pelas redes que patologizam, o indivíduo se torna condicionado aos impulsos das máquinas e deixa de concretizar-se no ser. Age a coação de repetir um padrão de vida doentio, que não faz consciência da realidade. Vive-se uma ilusão que não permite entrar na energia do ser criativo. O sujeito pensa, compreende, critica, mas na realidade vive já uma esquizofrenia (Meneghetti, 2019). O uso exaustivo de tecnologias digitais coloca o sujeito em “em X, como Matrix, isto é, fechado, fora do mundo da vida, fora da ordem do ser: imagem, espelho, mas sem tomada de realidade. Tem razão, mas perde a vida.” (Meneghetti, 2019, p. 64).

Em tudo isso, permanece fora da responsabilidade e fora do exercício o Em Si ôntico, aquela semente pela qual nós somos universais e por meio da qual podemos ser participantes sócios do ser. substancialmente, viventes na vida, operadores na vida e, portanto, partícipes da graça, do prazer, do sucesso, da realização do genoma ôntico, o gênio que consente à existência de concretizar-se no ser, e, portanto, realizar o grande projeto da obra mestra do mundo da vida (Meneghetti, 2019, p. 64 e 65).

Diante desse cenário, é fundamental repensar o papel da tecnologia em nossas vidas, adotando uma reflexão integral que considere não apenas os benefícios, mas os riscos e impactos negativos. Buscar um equilíbrio entre o uso saudável das inovações tecnológicas e o cuidado com o bem-estar emocional e social é um passo para garantir que essas ferramentas continuem a servir a humanidade de maneira positiva e sustentável do século XXI para adiante.

Harari (2020) afirma que a humanidade pela primeira vez se confronta com a possibilidade de autodestruição em massa, sem viver guerras ou genocídios, ao mesmo tempo em que vive um dos períodos mais pacíficos da história humana – uma espécie de guerra contra si mesmo, as próprias habilidades e a própria criatividade.

Há verdade no que Harari (2020) nos diz:

A maioria dos livros de história se concentra nas ideias dos grandes pensadores, na bravura dos guerreiros, na caridade dos santos e na criatividade dos artistas. Eles têm muito a nos dizer sobre como as estruturas sociais foram tecidas e se desfizeram, sobre a ascensão e a queda dos impérios, sobre a descoberta e a disseminação de tecnologias. No entanto, nada dizem sobre como tudo isso influenciou a felicidade e o sofrimento dos indivíduos. Essa é a maior lacuna em nosso entendimento da história. É melhor que comecemos a preenchê-la (Harari, 2020, p. 417).

A chave para preencher essa abrangente lacuna é um resgate de humanização sobre o limiar do mundo tecnológico ao qual todos fazemos parte. A natureza humana não é estática, nem a tecnologia, nem os resultados de sua interação (Vandenberghe, 2010, p. 221). O dinamismo da vida é evidenciado por constantes relações humanas, das quais o homem atualiza as suas diversas potencialidades enquanto interage, cria, aprende e reproduz suas tecnologias. O que se deveria ter como assente nesse processo é a autorresponsabilidade, que mais tarde se reflete na díade indivíduo-sociedade.

A problemática do mundo atual está, justamente, no dilema “indivíduo x tecnologia”, que pode constituir-se um empecilho para o homem que busca um “aumento holístico, global e sobretudo integral da própria inteligência” como alcance individual e social (Meneghetti, 2023). Primeiro somos um ser individual, depois nos tornamos também sociedade. Dentro dessa sociedade, cada um se torna contributo por meio do trabalho sadio e responsável que desempenha. Para que haja uma sociedade sadia, precisamos antes de indivíduos sadios.

À medida que a tecnologia nos conduz ao gerenciamento de aparatos externos, mecânicos e desprovidos de uma sensibilidade organísmico-biológica, no caminho que se chega há ganho de inteligência? O prazer é vivido? É perceptível uma capacidade construtiva de avanço? Ou apenas estou a reproduzir mecanicamente exatos tecnicismos?

Meneghetti (2023, p. 311) nos ensina que “a única coisa que pode saciar o coração ativo de um homem superior é o ser”. O ser é, o não ser não é – a máquina carece desse sentido de ser.

Devemos lembrar que somos seres doutos de uma sensibilidade biológico-orgânica, que exprime um sopro de vida diferente dentro de cada um de nós, além de sermos dotados de racionalidade operativa. Intuir, protagonizar sensações corpóreo-emotivas e expressar autenticidade ôntica na historicidade da vida são habilidades únicas humanas que tecnologias jamais irão experimentar. Temos uma atitude natural à sensibilidade que nos difere das máquinas, um dom da vida infinito, uma curiosidade e um sentir que nos permitem fazer da existência uma pedagogia contínua em vantagem de si.

O fazer-se do Eu é contínuo, ele próprio é gerador absoluto da sua pessoa. Aqui retorna o conceito de que cada homem é o pai do seu natal. As condições arquetípicas ou biológicas são somente um pressuposto do início; depois, se o homem caminha, envera gerando a si próprio em uma dimensão infinita. O grande poder que tem o ser humano é o de autocriar-se. O nascimento do Eu é essa possibilidade aberta de se fazer, até o ponto de se regenerar a partir do início (Meneghetti, 2004, p. 131).

O ponto é: a crescente dependência e integração da tecnologia na vida cotidiana suscita uma série de questões sobre a relação entre o ser humano e o seu grande poder de autocriar-se, ter racionalidade ontológica.

Racionalidade ontológica significa que, para fazer qualquer aplicação, demonstração, diálogo de sentido, é preciso possuir a instrumentalização elementar através da qual o ser faz a sua epifania, as suas passagens, não são variáveis de correntes políticas, etc. (Meneghetti, 2013, p.17).

Entende-se, então, que refletir a racionalidade ontológica e sensibilidade ôntica no contexto tecnológico consiste em uma abordagem que vá além de reposicionar o humano na sua função primária: coordenar – a própria vida e o que constrói.

A sensibilidade ôntica refere-se à capacidade do ser humano de perceber e experienciar a própria existência, de maneira profunda e significativa. Esta sensibilidade está relacionada com a noção de ser e com a forma como os indivíduos se reconhecem como seres conscientes, dotados de subjetividade e de uma conexão inerente com a realidade que os circunda.

Acima de tudo, faz-se necessário entender a sensibilidade ôntica à luz das descobertas da

Ontopsicologia: trata-se da dimensão sensível orgânica, ou seja, o corpo biológico, ao qual falta à máquina e que é capaz de traduzir e (re)criar o mundo a nossa volta por meio do processo perceptivo cognitivo, extero, próprio e egoceptivo. Trata-se da percepção nativa, própria do organismo, não convencionalizada. Essa sensibilidade humana iniciada na sensação (ação dos sentidos) que nos toca dentro e nos move (emoção) age por meio das imagens sensoriais e são refletidas na consciência. Tudo isso, graças a nossa atividade psíquica que é basicamente atividade imagógica/onírica, capaz de imaginação e criatividade (Meneghetti, 2022).

Ao dizer atividade psíquica, concebe-se o primeiro e fundamental mover-se do homem que, depois, efetua-se como pensamento, emoção, temperamento, caráter, memória, vontade, consciência. Concebe-se a energia-base do universo, cuja propriedade é a de organizar-se intacta ao princípio, enquanto e como quer que se efetue (Meneghetti, 2022 p. 27).

Trata-se, então, de ter de racionalidade ontológica, que significa ser capaz de usar os primeiros princípios que fazem os números da matemática – para usar um aforisma – ao interno do ser quando se faz existência. Existem regras inflexíveis. Se parte do princípio: o ser é e o não ser não é. Entender isto já é entrar na visão do princípio, que na realidade não é uma visão: é uma forma de Ser (Meneghetti, 2013).

Pode-se concordar, de modo justo, que a tecnologia também tem o potencial de ser uma ferramenta de humanização, caso seja utilizada de forma consciente e ética. Por exemplo, a tecnologia pode ser usada para criar espaços de diálogo e troca de experiências que transcendam as barreiras físicas e culturais, promovendo uma maior compreensão e conexão entre as pessoas. Exemplos práticos são a realização de conferências internacionais por meio de webinários, em prol da difusão de saberes, ciência e conhecimentos infinitos. Ferramentas digitais podem facilitar o acesso a práticas de autodesenvolvimento e sensibilidade corpórea, com práticas guiadas de *mindfulness* e meditação, que ajudam a exercitar a consciência plena.

É notório que a inteligência artificial pode ser utilizada para compartilhar e personalizar experiências de aprendizagem e promover o desenvolvimento humano de forma mais inclusiva e equitativa. Porém, deve-se partir de experiências com um uso da tecnologia que promova a reflexão, a empatia e o fortalecimento das relações interpessoais sem tornar os usuários dependentes e que promova a capacidade de pensar, de reagir e, principalmente, sentir as reações corpóreas.

O que se deve ter como assente é que o resgate da humanização em um mundo cada vez mais tecnológico requer um compromisso com a sensibilidade ôntica. Isso significa reconhecer os limites da tecnologia e a necessidade de equilibrar o uso de inovações com práticas que promovam a perpetuação de conexões e valores humanos. A tecnologia, quando alinhada com valores éticos e humanísticos, pode ser uma aliada poderosa na construção de uma sociedade mais sensível, empática e verdadeiramente humana.

Embora a relação entre tecnologia e sensibilidade ôntica seja complexa, torna-se indispensável ser observada pelos usuários, isto tem a ver com humanizar.

Esta fundamentação teórica introduz uma base para explorar mais profundamente a temática entre valores humanistas e evolução tecnológica. Em suma, se, por um lado, a tecnologia tem o potencial de alienar e desumanizar, por outro, ela também pode ser uma força colaborativa que não intervenha na integridade perceptiva dos humanos. Assim, contribui para o progresso socioeconômico no contexto em que vive a humanidade, desde que seja utilizada de maneira consciente e em harmonia com os princípios éticos que valorizam o ser humano em sua totalidade. O desafio contemporâneo reside em encontrar o equilíbrio entre o progresso tecnológico e a preservação da sensibilidade ôntica, de modo a promover uma verdadeira integração entre o ser e o mundo.

3. METODOLOGIA

Com essa proposta de reflexão, procura-se cumprir a lição de Umberto Eco: desenvolver “uma experiência de trabalho metódico que visa a construir um objeto que em princípio sirva também aos outros” (2008, p. 5). Em essência, quer-se desenvolver um trabalho acadêmico sensível à ciência, à teoria e à prática de vida de todos aqueles que buscam por pesquisas que sejam um contributo ao ser.

A pesquisa por revisão bibliográfica está embasada no método dialético, que possibilita a compreensão e a explicação dos problemas e das contradições que envolvem a relação “indivíduo” e “tecnologia”. Segundo Flick (2009), a dialética torna-se uma possibilidade à reflexão sobre questões propriamente sociais, nos permitindo questionar as implicações do ontem, do hoje e do futuro nas interações humanas de forma mais abrangente. Faz-se uma abordagem integrativa mediante o diálogo do método dialético com a Ontopsicologia, o que permite uma compreensão mais profunda de como construir o progresso técnico em função do desenvolvimento humano.

Enquanto colaboração científica ao VI Congresso Internacional de Ontopsicologia e Desenvolvimento Humano “Inteligência Artificial e Tecnologia Humana”, este estudo teórico se alinha ao eixo Eixo Temático nº 4: “Os valores humanistas e a evolução tecnológica: paralelos e interconexões”.

Dessa forma, o estudo visa contribuir ao fomento das reflexões que buscam amenizar os impactos nocivos à sensibilidade ôntica pelo uso incoerente das tecnologias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo fomentar um debate em torno da reflexão que valoriza a reintegração elevada da dimensão humana no desenvolvimento e uso coerente das tecnologias, garantindo que o progresso técnico não se desvie das necessidades e valores fundamentais do ser humano.

Buscou-se o entendimento corrente e de autores sobre humanização das tecnologias e sobre as consequências da onipresença da tecnologia na vida humana e contactou-se a desatenção, esquecimento, o isolamento, a ansiedade como sintomáticas experienciadas pelo gerenciamento não responsável, e a alienação como uma das questões mais discutidas no contexto das críticas contemporâneas sobre a temática.

O breve estudo refletiu sobre um possível percurso de desenvolvimento tecnológico saudável e sustentável, em que o homem não se deixe sobrepor pelos meios externos, mas saiba utilizá-los para seu aprimoramento, reconhecendo, antes de qualquer interação, a dimensão interna que se é. Para o aprofundamento de tais questões, buscou-se na Ontopsicologia a compreensão e entendimento de conceitos da essência humana na sua dimensão ôntica, refletindo sobre o desvio que a máquina pode causar sobre a dimensão sensível orgânica.

O corpo biológico, ao qual falta à máquina, é capaz de traduzir e (re)criar o mundo à nossa volta por meio do processo perceptivo cognitivo, extero, próprio e egoceptivo. Todo e qualquer equipamento tecnológico não é capaz de sensibilidade por não ser um organismo, conseqüentemente, não pode gerar sentido, pois o corpo é palavra e a psique é sentido. Dessa forma, somente um humano pode dar sentido à tecnologia, caso contrário, seremos guiados por informações não reais e não vitais àquilo que é a vida humana.

Por fim, integrando estes conceitos, fazendo paralelos e interconexões, pode-se concluir que a contribuição do artigo atendeu o objetivo de fomentar o aprofundamento das reflexões e debate em torno de consequências da hiperconectividade, quer pelo trabalho hiperautomatizado, quer pelas redes que patologizam. A interconexão vai mais além quando agrega a preservação dos valores humanistas e a evolução tecnológica, esclarecendo altos conceitos contemporâneos sobre racionalidade ontológica, sensibilidade ôntica e atividade psíquica que fazem parte da integridade humana e permitem a força da criatividade em que o homem pode experimentar-se em seu pleno potencial.

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Da evolução da inteligência ao poder para ser**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2023.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Falando aos Jovens - Volume II**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2019.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **Razionalità Ontológica**. Roma: Ontopsicologica Editrice, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Sistema e Personalidade**. 3. ed. Recanto Maestro: Editora Ontopsicologica, 2004.

ROCHA, Eveline Lima. **A concepção marxiana de alienação na obra Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20908/1/2011_eve_elrocha.pdf. Acesso em: 10 ag. 2024.

VANDENBERGHE, Frédéric. Jamais fomos humanos. **Laboratório Interdisciplinar sobre Informação e Conhecimento**, v.6, n.2, setembro, 2010, Rio de Janeiro, p.214-234. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&source=&id=W1561307932>. Acesso em: 09 ago. 2024.